

DE NEGRO CARIBENHO A HOMEM DO NOVO MUNDO: O PERCURSO IDENTITÁRIO DE DANY LAFERRIÈRE

Christopher Rive ST VIL*
Uruguay Cortazzo GONZÁLEZ**

- **RESUMO:** Este artigo tem por objetivo examinar o processo identitário em *Je suis Fatigué* (2005), do escritor Dany Laferrière, que se articula a partir de um enclave georracial (o Caribe) até alcançar um espaço imaginário que supera essa categorização e que se pretende não racializado, isto é, um espaço universal sem cor e sem uma geografia fixa. Nessa obra, o narrador-personagem reflete sobre o significado da palavra *Nègre* (Negro), que é polissêmica na língua francesa. Mulato e Negro representam o conflito racial no Haiti, enquanto o Negro e Branco representam os dois polos em luta contínua fora da ilha (FANON, 2008). Assim, para alcançar o nosso objetivo, realizamos uma pesquisa bibliográfica para fundamentar a nossa análise a partir de « *Je suis un individu* » : *le projet d'individualité dans l'œuvre romanesque de Dany Laferrière* (2011) de Jimmy Thibeault, e *Littérature negro-africaine d'amérique : mythe ou réalité* (1983) de Anthony Phelps. Concluimos que o autor se autodenomina *Un homme du Nouveau Monde* (Um homem do Novo Mundo) sem marca migratória de origem, de raça e de nacionalidade.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Dany Laferrière. *Je suis fatigué*. Identidade. Negro e Mulato. Novo Mundo.

“Si les Nègres ont pris l’habitude de se rassembler dans les quartiers d’artistes, ce n’est surtout pas parce qu’ils ont l’âme lyrique, mais simplement parce que dans ces coins-là on leur fiche un peu plus la paix qu’ailleurs.”¹

Dany Laferrière (2005, p. 17-18).

* Graduando em Letras Português e Francês pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL – Centro de Letras e Comunicação – Pelotas – Rio Grande do Sul – Brasil. 96010-610 – christopherrivestvil@gmail.com.

** Doutor em Letras pela Roskilde University (1983), reconhecida em 2012, pela USP. Professor adjunto da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL – Centro de Letras e Comunicação – Pelotas – Rio Grande do Sul – Brasil. 96010-610 – urudur@hotmail.com

¹ “Se os Negros pegaram o hábito de se reunir nos bairros dos artistas, não é, sobretudo, porque têm

Introdução

Na obra autobiográfica *Je suis fatigué* (Estou cansado), publicada em 2005 pela editora canadense Typo, Dany Laferrière² narra seu percurso literário após quinze anos de viagens a Montreal, onde o autor procura construir uma identidade a partir de seu narrador-personagem para se transformar em um escritor sem limites étnico-raciais e territoriais. Encontra-se, nessa obra, o seu desejo de encerrar finalmente a sua carreira literária. Comenta então a recepção das suas obras, enquanto analisa as questões raciais nas Américas. O narrador-personagem relata encontrar-se sem inspiração depois de ter narrado sua infância vivida em Petit-Goâve e em Port-au-Prince e sua vida adulta no Haiti e no Quebec. Ao fazer de si mesmo uma constante em sua narrativa, explica-nos que está vazio, perdeu a criatividade, sendo incapaz de produzir poemas ou peças de teatro. Nesse sentido, em uma conversa com uma editora, salienta: “[...] *Je suis fatigué d’être un écrivain. Ce n’est pas une vie normale* [...]”³ (LAFERRIÈRE, 2005, p. 11).

Ao destacar questões raciais e culturais em *Je suis fatigué*, no presente artigo, procuramos examinar e compreender a intencionalidade do autor a partir do seu narrador-personagem, no tocante à recusa de prefixos que lhe são atribuídos por ser negro, como, por exemplo, **afro**-americano, **afro**-caribenho, **negro**-africano, **negro**-americano. Finalmente, buscamos compreender como ele redefine sua identidade, criando um espaço imaginário e utópico. Consideraremos, primeiramente, a análise do seu primeiro livro, *Comment faire l’amour avec un Nègre sans se fatiguer* (1985), uma obra marcada, sobretudo, pelo mito do homem negro hipersexualizado, para então chegar a *Je suis fatigué* (2005), décima primeira publicação do autor, com o intuito de entender por que Laferrière, ao longo de seu percurso como escritor, afasta-se de sua identidade negro-caribenha e almeja assumir outra.

Dessa forma, durante a nossa reflexão, mostraremos que o Haiti e os demais espaços de seus romances são apontados por Laferrière como um ambiente de afirmação de si. Para tanto, antes de abordar a obra *Je suis fatigué*, em uma parte inicial, apresentaremos as questões raciais encontradas na obra *Comment faire*

a alma lírica, mas simplesmente porque, nestes cantos, são deixados um pouco mais em paz do que noutros lugares”. [Todas as traduções apresentadas em nota de rodapé neste artigo são nossas].

² “Nasceu em 1953, em Porto Príncipe, em plena revalorização da cultura de massa e da religião haitiana. [...] Quatro anos mais tarde, com a tomada do poder pelo presidente François Duvalier (1957), mudou-se para casa de sua avó Da, em Petit-Goâve, que se tornaria uma figura importante em suas obras. [...] Após o assassinato de seu amigo Gasner Raymond, Laferrière se exilou devido à ditadura de Baby Doc, Jean Claude Duvalier, em 1976, assim como seu pai, instalando-se no Quebec. [...] Em 2013, após sua eleição para a Academia Francesa, tornou-se o segundo negro depois do poeta Léopold Sédar Senghor e o primeiro haitiano-canadense a ser eleito para fazer parte dessa prestigiada instituição.” (ST VIL; MACHADO, 2020, p. 203-204).

³ “Cansei de ser um escritor. Não é uma vida normal”.

l'amour avec un Nègre sans se fatiguer (1985), cujo conhecimento nos dá subsídios para entender a evolução da construção da sua identidade.

O negro: as questões raciais e culturais

De acordo com Pierre-André Taguieff (1997, p. 36), o racismo é “[...] fundamentalmente inigualitário, é um determinismo biológico ao mesmo tempo que é um inigualitarismo teórico e prático, que pretende basear-se num novo princípio de autoridade, o conhecimento científico [...]”. Essa definição, levando em conta suas especificidades sociopolíticas e culturais, leva-nos a pensar que a narrativa da primeira publicação laferrieriana inscreve-se em uma cultura racista, quando Laferrière emigra para Montreal, pois o autor, conforme relata, depara-se com uma desigualdade racial voltada para o aspecto biológico.

Comment faire l'amour avec un Nègre sans se fatiguer (1985) contém uma narrativa seca e nervosa, provocadora e exagerada da vida boêmia. Ao fugir da ditadura duvalierista, cinco anos depois em seu exílio, Laferrière nos apresenta uma narração que tem como personagens principais dois jovens imigrantes negros, ele e seu amigo Roland Désir, conhecidos, respectivamente, como Vieux Os e Bouba. Eles compartilham um quarto miserável, delimitado por um biombo japonês, na rua Saint Denis, em Quebec. Um escreve e o outro dorme, medita, escuta seu jazz e filosofia.

No cerne da trama, situam-se as dessemelhanças entre cultura de origem – o trópico caribenho e a África – e cultura de inserção – a sonhada sociedade quebequense. Em cada diálogo dessa obra, o narrador-personagem propõe tanto uma reflexão quanto uma discussão sobre diversos aspectos: o erotismo, o exótico e a situação racial em Montreal.

O narrador-personagem, Vieux Os, está escrevendo um romance sobre fantasias, sendo assim, um romance sobre o processo da escritura; a relação entre o homem e a mulher; a relação sexual que liga um homem negro a uma mulher branca e, ao mesmo tempo, sobre experimentar diversas aventuras com mulheres. Ao retomar essa obra em *Je suis fatigué*, Laferrière afirma que “[...] *Je n'arrivais pas à écrire sans une fille dans la chambre à côté. Il y en a qui perdent leur force dans le sexe, moi, le sexe m'ouvre l'appétit littéraire [...]*”⁴ (LAFERRIÈRE, 2005, p. 40).

Ao levar em conta a tensão sexual do romance, Vieux Os ativa, de maneira sarcástica, os estereótipos culturais, os clichês, e relata os comportamentos racistas das pessoas, a relação do negro com o branco e o lugar do negro na sociedade de

⁴ “Eu não conseguia escrever sem uma moça no quarto ao lado. Há quem perca a sua força no sexo, quanto a mim, o sexo abre-me o apetite literário”.

Montreal. Nesse mesmo viés, Benalil (2007, p. 194), ao analisar a obra de Laferrière em questão, considera que:

*Dans le roman, la question raciale n'est pas seulement discutée selon le rapport binaire entre Nègres et Blancs, mais se trouve continuellement extrapolée vers d'autres niveaux de rapports où les Nègres et les Japonais, les Nègres et les Chinois, les Nègres et les Amérindiens, les Nègres-antillais et les Nègres-africains sont également comparés.*⁵

Seguindo adiante na discussão das relações interraciais, Benalil (2007, p. 195) salienta que:

*Du point de vue du narrateur, aucune race n'échappe à l'hydre du racisme du Blanc ou à l'arbitraire de ses valeurs. Il est pourtant intéressant de voir que Vieux recourt à la sexualité en tant qu'axe premier de comparaison et d'interrogation sur la fixité des stéréotypes dans la perception de l'autre.*⁶

Já que Vieux Os não escapa do racismo do Outro, faz o sexo se tornar a sua defesa contra aqueles que o discriminam a partir do aspecto biológico e social. Assim, percebe-se que os dois homens negros passam todo seu tempo a ter relações sexuais com as moças brancas da Universidade McGill e a ouvir jazz. Elas entram e saem diariamente do pequeno apartamento mítico de Vieux Os e Bouba. Ao pensar nessa questão da sexualidade do negro imigrante em Montreal, a reflexão do psiquiatra Frantz Fanon (2008, p. 143, *itálico nosso*) leva-nos a refletir que, de fato, “[...] o preto (*negro*) é fixado no genital, ou pelo menos foi fixado. Dois domínios: o intelectual e o sexual [...]”.

Coincidentemente, encontra-se nessa valorização do sexo, proposta pelo narrador-personagem, uma denúncia da objetificação do negro, que representa o olhar pejorativo da história pós-colonial. Nos tempos modernos, ainda privado de algum *status* social, o negro transforma-se em uma ameaça sexual para os homens brancos. Passa a formar um sistema binário com a branca. Nas passagens da obra de Laferrière, percebe-se que, após a escravidão, o mais significante é seduzir todas

⁵ “No romance, a questão racial não só é discutida de acordo com a relação binária entre Negros e Brancos, mas é continuamente extrapolada para outros níveis de relações onde os Negros e os Japoneses, os Negros e os Chineses, os Negros e os Ameríndios, os Negros-antilhanos e os Negros-africanos são igualmente comparados.”

⁶ “Do ponto de vista do narrador, nenhuma raça escapa à hidra do racismo do Branco ou à arbitrariedade de seus valores. No entanto, é interessante ver que Vieux recorre à sexualidade enquanto eixo primeiro de comparação e de interrogação sobre a fixidade dos estereótipos na percepção do outro”.

as moças brancas nesse país branco. Ao visitar uma das estudantes chamada de Miz Littérature, Vieux Os afirma que:

[...] Je suis ici pour baiser la fille de ces diplomates pleins de morgue qui nous giflaient à coups de stick. Au fond, je n'étais pas là quand ça se passait, mais que voulez-vous, à défaut de nous être bienveillante, L'HISTOIRE NOUS SERT D'APHRODISIAQUE⁷ (LAFERRIÈRE, 2010, p. 103, caixa-alta do autor).

Perguntamo-nos se toda a história sobre os negros se reduz somente a esse mito sexual das conquistas das mulheres brancas por homens negros como vingança histórica. Certamente não, e sustentamos ainda que essa abordagem da história aponta muito mais para o narrador-personagem e como ele se enxerga nesse mundo racializado. Benalil (2007, p. 204) repara que, ao longo dessa fase,

La question de la négritude traverse le roman de Laferrière par-delà son apparente légèreté. En effet, la négritude de Laferrière revêt deux aspects : il y a la négritude politisée [...] et il y a la négritude [...] dépolitisée qui déjoue l'Histoire, parodie les stéréotypes, prône une certaine libération individuelle du Nègre dans sa condition même de Nègre [...]⁸.

Assim, pela discrepância entre negro e branco que as jovens universitárias da obra de Laferrière ultrapassam as fronteiras de cor e classe social que se torna impreterível discutir, no próximo subtópico, a questão interracial no Haiti.

O negro, o branco e o mulato em *Je suis fatigué*: a questão interracial no Haiti

Em *Je suis fatigué*, ao tratar a questão de raça nas Américas (negro/branco), o narrador-personagem relata o conflito que permanece até os dias atuais entre o mulato, classe superior, e o negro, classe inferior, como um aspecto utópico formado e deixado pelo sistema colonialista no Haiti. Antes de viajar para Quebec, Laferrière conviveu com esse confronto racial, que é só uma pauta nativa, visto que no exterior, principalmente em Quebec, não existe essa diferença discriminatória entre negro e mulato. Em decorrência desse sistema colonialista político, Laferrière (2005, p. 109) argumenta que:

⁷ “Estou aqui para trepar com a filha destes diplomatas insolentes que nos batiam com varinhas. No fundo, eu não estava lá enquanto isso acontecia, mas o que é que vocês querem, mesmo não sendo benevolente conosco, a HISTÓRIA NOS SERVE DE AFRODISÍACO”.

⁸ “A questão da negritude atravessa o romance de Laferrière para além da sua aparente leveza. Com efeito, a negritude de Laferrière reveste dois aspectos: há a negritude politizada [...] e há a negritude [...] despolitizada que ilude a História, parodia os estereótipos, preconiza uma certa liberação individual do Negro em sua própria condição de Negro [...].”.

[...] *Je ne connaissais en Haïti que la pâle variante Noir/Mulâtre. Noir + Mulâtre = fantasmés. Pour un Haïtien, le thème Noir/Mulâtre est complètement miné. Il évoque les démons intérieurs du colonialisme. La charge émotionnelle me semble si forte qu'elle rend le mot mulâtre quasiment indéchiffrable et peut-être inutilisable. [...] Noir/Mulâtre est un débat pour consommation locale [...]*⁹.

Os adjetivos utilizados para descrever as diferenças de “cor”, na América, remetem ao sistema colonialista e são efetivamente emprestados à classificação que já se fazia para os animais. O substantivo mulato remete ao animal mula, que é o cruzamento de uma jumenta, considerada como um “animal teimoso e lento” (a negra), e um cavalo, “animal nobre” (o branco). Na sociedade colonial, *mulâtre*/mulato designava e qualificava um indivíduo nascido de um pai branco e uma mãe negra ou vice-versa. Tal designação atribuía ao indivíduo um *status* social e um adjetivo que reivindicava acesso à liberdade e ao desfrute de privilégios concedidos somente àqueles de descendência europeia.

Já que os mulatos tinham o sangue do branco, possuíam certas vantagens socioeconômicas e políticas na colônia. Não se consideravam como escravos, porque eram filhos dos brancos, mesmo tendo descendência africana. Não trabalhavam no campo, tinham seu próprio comércio e se sentiam aptos para governar. Além disso, Rogers (2003, p. 84) afirma, no artigo “*De l’origine du préjugé de couleur en Haïti*”, que no Haiti “[...] *par des différences socio-économiques les mulâtres sont souvent plus riches et les noirs plus pauvres ; les uns sont des patrons, les autres des employés [...]*”¹⁰.

Para Hoffmann (1990, p. 76), “*avant la révolte de 1791, la population de Saint-Domingue se divisait en effet en trois groupes, déterminés par leur phénotype respectif : les Blancs, les Mulâtres, Les Noirs [...]*”¹¹. Havia uma forte disputa racial entre esses três sujeitos (o branco, o negro e o mulato), que entravam em conflito pela diferença de epiderme, fator distintivo entre eles, e pela condição socioeconômica. O branco era o civilizado, o senhor e o poderoso dominador que acreditava ser superior diante de todos os outros indivíduos diferentes dele.

Os mulatos eram também designados *Les Libres de Couleur* (Os livres de cor ou mestiço) ou *Les Affranchis* (Os libertados). Tinham o desejo de ter poder, de

⁹ “Eu só conhecia no Haiti a pálida variante Negro/Mulato. Negro + Mulato = fantasias. Para um haitiano, o tema Negro/Mulato é completamente minado. Evoca os demônios interiores do colonialismo. A carga emocional parece-me tão forte que torna a palavra mulato quase indecifrável e talvez inutilizável. [...] Negro/Mulato é um debate para consumação local”.

¹⁰ “Por diferenças socioeconômicas, os mulatos são frequentemente mais ricos e os negros mais pobres; uns são patrões, outros empregados”.

¹¹ “Antes da revolta de 1791, a população de Santo-Domingo dividia-se em três grupos, determinados pelos seus respectivos fenótipos: os Brancos, os Mulatos, os Negros”.

ser um homem branco e de assimilar os modelos culturais da metrópole. Diante do branco, o mulato era inferior e sofria preconceito de cor. Era instruído, educado e também mestre dos escravos, vendia-os, alugava-os e marcava-os com um ferro vermelho, como praticavam os brancos. E quanto mais se assemelhava aos brancos, mais se acreditava inteligente, bonito e aliado deles. O sonho dos mulatos, no período colonial, era ser reconhecido oficialmente pelo branco e afastar-se do retrocesso e da sensação psíquica de diminuição.

O negro foi construído pelo sistema colonialista e era visto como um ser inferior e inautêntico, não pertencia ao mundo do branco nem ao mundo do mulato. Parafraseando Fanon (2008), o negro carregou um problema psicológico e político, qual seja, a alienação, isto é, vivia sem conhecer a realidade social e política que condicionava a sua vida. Desse modo, o negro era somente uma propriedade, um objeto explorado pelo sistema colonialista e pelo regime de opressão. Mesmo assim, havia alguns negros livres, no final do século XVIII, que eram importantes socioeconomicamente.

Entre 1791 e 1804, “[...] *une fois convaincus que seule l’indépendance leur permettrait d’atteindre à la dignité humaine, Noirs et Mulâtres s’unirent pour chasser les Blancs de la colonie [...]*”¹² (HOFFMANN, 1990, p. 17). Após a independência e a morte do líder da revolução haitiana, Jean Jacques Dessalines, que aboliu a escravidão e governou por um curto período a ilha como o primeiro imperador negro, “[...] o país foi dividido em norte e sul: no norte, um presidente mulato e no sul, um negro. E a partir de então houve um enfrentamento entre uns e outros, racializando um conflito que era, na verdade, uma luta pelo poder político [...]” (JOSEPH, 2015, p. 543).

Desde então, restabeleceu-se o preconceito colonial, ou seja, o racismo cultural enraizou-se no Haiti e seria, portanto, uma luta entre os dois sujeitos de mesma classe social pelo poder econômico e político, pela construção de uma identidade haitiana em que os mulatos procuram revalorizar e admirar a cultura da metrópole e ignorar a cultura da massa (do negro). Assim, Taguieff (1997, p. 69) afirma que o racismo cultural “– pseudo-racismo ou neo-racismo – baseia as suas explicações do curso da história ou do funcionamento social em categorizações elaboradas a partir de características culturais (costumes, língua, religião, etc.)”.

Para negar e evitar vincular o preconceito racial formado a partir de traços culturais e sociopolíticos, alguns tentam ressignificar o nome negro, aproximando-o de “agricultor, maioria”, e o nome mulato de “homem de cultura, minoria” (cf. ROGERS, 2003). Mesmo decretando uma lei para impedir a continuação da distinção da epiderme, a luta continua até os dias atuais: o mulato se acha superior ao negro.

¹² “Uma vez convencidos de que só a independência lhes permitiria alcançar a dignidade humana, Negros e Mulatos uniram-se para expulsar os Brancos da colônia”.

Ao voltar à citação inicial em que Laferrière afirma ter conhecido apenas o confronto imaginário entre o mulato e o negro do Haiti, repara-se que as ambições de ambos os dividem e os colocam perante uma crise socioeconômica, isto é, o problema é social, de classe, e não apenas a questão do fenótipo ou da aparência física entre *Nèg an wo* (Mulato) e *Nèg an ba*¹³ (Negro). Joseph (2015, p. 541) explica que “[...] O mulato se distancia do negro (*noir*) por ser mais próximo do branco do que o negro, pela cor da pele. O negro privilegiado se distancia do negro desfavorecido, por ser mais próximo do modelo ocidental, não pela cor da pele, mas pela cultura [...]”.

Num outro nível, Laferrière (2005, p. 109) mostra que, ao chegar a Montreal, o narrador-personagem descobre que o espaço muda a visão e observa que “[...] *Noir/Blanc, en engageant de manière assez sanglante les deux extrémités du spectre, est devenu une des questions les plus angoissantes de notre temps*”¹⁴. A relação e a maneira de enxergar o outro são diferentes das do seu país natal, pois o antagonismo racial negro/mulato se torna negro/branco. O mulato, que se opunha ao negro, desaparece sociopoliticamente. Desse modo, a oposição negro/branco é um problema aflitivo, ambos, segundo Fanon “[...] representam, os dois polos de um mundo, polos em luta contínua, uma verdadeira concepção maniqueísta do mundo [...]” (FANON, 2008, p. 56).

Desse modo, veremos, no próximo subtópico, como Laferrière manifesta em sua obra *Je suis fatigué* seu desejo de romper com essas etiquetas (negro/branco, negro/mulato, escritor negro caribenho), as quais teriam, segundo o autor, como objetivo atribuir-lhe uma identidade fixa e permanente.

Dany Laferrière e Anthony Phelps: em busca de exorcizar as identidades fixadas ao escritor negro da América

Diferente de outros escritores haitianos, Laferrière não procura, à primeira vista, contar sobre o seu país de origem e a feroz ditadura implantada pelos duvalieristas. Ao contrário, acaba por relatar seus descobrimentos pessoais no Quebec desde o lançamento do seu primeiro livro, marcando sua denúncia irônica sobre a questão racial já “combatida” pelos seus ancestrais e a visão do Negro como objeto sexual do Outro; assuntos esses que estavam enraizados no seio da sociedade de Montreal. Como ele mesmo disse, não estava pronto para escrever sobre o Haiti.

Publicado em Montreal, *Je suis fatigué* é constituído por crônicas narrativas, isto é, contém histórias curtas divididas por tópicos em uma linguagem simples e reflexiva. Cada uma das narrativas é composta de uma página da sua vida. A

¹³ Ambas as palavras são da língua créole.

¹⁴ “Negro/Branco, envolvendo de maneira bastante sangrenta as duas extremidades do espectro, tornou-se uma das questões mais angustiantes do nosso tempo”.

reflexão é profunda, feita a partir de pequenas histórias da vida cotidiana no Haiti ou em Montreal. Podem ser encontradas outras histórias que já foram contadas em outros contextos. Além disso, essa obra tematiza a releitura do passado do autor em suas publicações anteriores: de um personagem escritor sem nenhum prefixo e adjetivo qualificativo (como por exemplo, afro-americano, afro-caribenho, negro-africano, negro-americano, haitiano-canadense, escritor-caribenho, escritor-exilado) em busca de um mundo além da negritude até a sua autocrítica e a escolha da língua francesa para atingir o seu objetivo, em vez do *créole*, uma das línguas oficiais do Haiti, além do francês.

Encontramos no personagem um escritor que supera o mundo marcado pelo racismo, mas que está cansado de ser escritor depois de tanto tempo estetizando a memória. Para ele, os seus leitores podem acreditar que está aposentado. Não é qualquer cansaço físico que o leva a procurar descanso, é um cansaço contra as atitudes e os comportamentos racistas dos outros, as construções ideológicas e o fato de ser um escritor rotulado por prefixos. Em resumo, temos um narrador-personagem que faz uma reflexão sobre todos os paradigmas com os quais construiu sua vida de escritor.

Essa é a postura do narrador-personagem que relata a sua verdade através da reconstrução do mundo fictício e revela que está cansado da literatura e dos problemas raciais e quer se libertar de todas as etiquetas. Percebe-se, não por acaso, que Laferrière nos traz no título novamente o verbo “cansar” (*fatiguer*) ao se sentir esgotado, pois ele já é marcado por esse termo desde o lançamento da sua primeira obra¹⁵. Anteriormente a intenção era buscar uma alternativa para não se cansar, visto que o seu amadurecimento era extemporâneo diante das atitudes negativas e desfavoráveis ao negro. No entanto, em *Je suis fatigué*, observa-se um escritor ponderado, pronto para tomar uma atitude exigida pela situação racial.

Em quase todas as obras, Laferrière mostra o desejo de romper com qualquer etiqueta que tivesse finalidade de instituir-lhe por força uma identidade fixa fundamentada em questões de raça, origem, espaço geográfico e até de língua. Ao recusar os adjetivos que acompanham o vocábulo “escritor” e que designam o espaço ao qual ele pertence, declara que:

[...] *Voilà, je décide, aujourd’hui, que je suis fatigué de tout cela. Fatigué de gratter du papier. Fatigué de barboter dans l’encre. Fatigué aussi de regarder la vie à travers la feuille de papier. Fatigué surtout de me faire traiter de tous les noms : écrivain caraïbéen, écrivain ethnique, écrivain de l’exil. Jamais écrivain tout court.*¹⁶ (LAFERRIÈRE, 2005, p. 44).

¹⁵ *Comment faire l’amour avec un Nègre sans se fatiguer/Je suis fatigué.*

¹⁶ “É isso, decido, hoje, que cansei de tudo. Cansado de arranhar papel. Cansado de brincar na tinta. Cansado também de olhar a vida através da folha de papel. Cansado, sobretudo de ser tratado de todos

É nesse sentido que Jimmy Thibeault (2011) afirma que a preocupação de romper com as categorias raciais não é uma novidade em Laferrière, é uma encenação em que os narradores-personagens buscam desconstruir e posicionar-se no centro da sua própria identidade. Em quase todas as suas obras, esse desejo se manifesta como uma afirmação individual do seu narrador-personagem. Pode-se perceber que a cor da pele do narrador faz com que ele se torne uma figura de luta racial na sonhada sociedade quebequense.

Assim, é importante destacar que Laferrière não é o único a querer recusar essas características distintivas que a cor da sua pele lhe confere. Embora em contexto diferente, o poeta haitiano Anthony Phelps faz parte dos escritores que rechaçam a etiqueta de “afros”. Em seu artigo intitulado “*Littérature negro-africaine d’amérique : mythe ou réalité*” (1983), posicionou-se contra esses estereótipos concedidos aos escritores negros.

Ambos têm algo em comum além de recusarem o rótulo de escritor carregado de adjetivos discriminatórios. Phelps se exilou em 1964 em Montreal; doze anos mais tarde, Laferrière também se exilou em Montreal por causa de política. Phelps se descobriu em Montreal e conheceu a literatura e a sociedade haitiana, assim como Laferrière. Phelps rejeita a África porque ele se considera um escritor americano, caribenho, e não um escritor negro-africano:

*[...] je ne saurais être Africain en exil en Amérique, ni non plus un écrivain à préfixe, - j’appréciera donc que vous me reconnaissiez tel que je suis, tel que je me suis nommé, selon mon état civil, vous me feriez grand plaisir en voyant en moi un écrivain AMERICAIN, un écrivain caraïbéen, un écrivain haïtien ou, plus simplement, plus humainement : ni noir, ni blanc, ni rouge, ni jaune : un Poète, tout court.*¹⁷ (PHELPS,1983).

Laferrière rejeita a África porque, cada vez que a palavra vem à sua memória, lhe faz pensar no governo do ditador Duvalier, com seu discurso nacionalista:

[...] Duvalier a dirigé sa propagande sur ma génération, en utilisant le nationalisme pour nous faire avaler la dictature. [...] C’était assez pour me dégouter de tout mouvement nationaliste. Et c’est à ce moment-là que je me suis

os nomes: escritor caribenho, escritor étnico, escritor de exílio. Jamais escritor simplesmente”.

¹⁷ “[...] não posso ser africano em exílio na América, nem um escritor de prefixo – gostaria, portanto, que você me reconhecesse como eu sou, como eu me nomeei, de acordo com o meu estado civil, você me faria um grande prazer ao ver em mim um escritor AMERICANO, um escritor caribenho, um escritor haitiano ou, mais simplesmente, mais humanamente: nem preto, nem branco, nem vermelho, nem amarelo: um Poeta, simplesmente.”

*débarrassé mentalement de l’Afrique. L’Afrique me rappelant trop Duvalier.*¹⁸
(LAFERRIÈRE, 2005, p. 53).

Convidado a um encontro mundial dos escritores de língua francesa – onde se podia abordar as questões da literatura produzida na América –, Phelps acabou sendo comunicado que deveria falar sobre a literatura negro-africana nas Antilhas. Ficou chocado, já que não sabia se era mesmo um escritor negro-africano, pois conhecia bem pouco a África.

Desse modo, Phelps passa a questionar se é possível ser um escritor na América graças a um prefixo, visto que, em qualquer lugar em que um negro da América vá, sempre recebe um prefixo como “afro-” ou adjetivos como caribenhos e antilhanos. Para ele, esses qualificativos fazem com que o negro da América se torne inapto para criar raízes em um lugar desconhecido, pois não consegue ser ele próprio como os outros, está sempre identificado por meio de sua origem, raça e língua, e não somente como um escritor, um poeta, um músico, entre outros.

Essa superação é só fruto do desejo de deixar de ser escritor rotulado pelo adjetivo negro? Do nosso ponto de vista, sustentamos que, de certa maneira sim, refere-se a uma recusa de vocábulos que designam a pertença a um grupo em um espaço culturalmente determinado. Laferrière (2005, p. 48) escolhe bloquear e rejeitar os estereótipos que podiam evocar sua memória de imigrante ou exilado afirmando que “[...] *Je ne suis ni un Noir ni un immigrant, et je ne saurais dépendre d’un quelconque ministère de l’Immigration. Je suis le fils de Marie et le petit-fils de Da, deux honnêtes femmes qui ont nourri pour moi les rêves les plus grandioses*”¹⁹.

Do mesmo jeito que Laferrière procura evitar os prefixos “afros” (como por exemplo, afro-americano, afro-caribenho, negro-africano, negro-americano), utilizados pelo Outro, para exorcizar essas imagens fixadas ao escritor negro da América, Phelps (1983) acrescenta:

Moi, nègre d’Amérique, je ne suis pas un écrivain négro-américain. Je ne suis pas un écrivain afro-américain. Il n’existe pas de littérature négro-africaine en Amérique. Il n’existe pas de littérature négro-américaine. Nous nègres du Nouveau Monde, nous ne sommes pas des Africains en exil en Amérique. Il n’est donc pas question que nous soyons des écrivains affublés de préfixe.²⁰

¹⁸ “[...] Duvalier fez a sua propaganda sobre a minha geração, usando o nacionalismo para nos fazer engolir a ditadura. [...] Foi o suficiente para me enjoar de qualquer movimento nacionalista. E foi nesse momento que me liberei mentalmente da África. África lembra-me bastante Duvalier.”

¹⁹ “[...] Não sou nem negro nem imigrante e não posso depender de nenhum ministro de imigração. Eu sou o filho de Maria e o neto de Da, duas mulheres honestas que alimentaram para mim os sonhos mais grandiosos.”

²⁰ “Eu, negro da América, não sou um escritor negro-americano. Não sou um escritor afro-americano. Não existe literatura negro-africana na América. Não existe literatura negro-americana. Nós negros

Assim, consideramos o esforço de autoidentificação do autor como uma rejeição dos clichês colados aos escritores negros, ou seja, uma forma de exorcizar os estereótipos que se apossaram do corpo do ser humano negro, que definiram quem exatamente ele é, independentemente da cultura de que faz parte. É nesse contexto que se torna crucial mostrar, através de um espaço imaginário, uma identidade que poderíamos chamar de metanegritude de Dany Laferrière.

Dany Laferrière: uma identidade desracializada

Da oposição negro-mulato haitiano até o binarismo negro-branco de Montreal, chegamos à fase em que o autor se liberta da armadilha de identidade em que está encarcerado e confinado. Ele consegue finalmente se autodenominar.

Essa libertação do eu, em *Je suis fatigué*, começa a partir da reflexão de Laferrière sobre o problema de identidade na América. Ao se preocupar com a sua individualidade diante desse mundo racial, passa a se perguntar quem ele é e onde ele está. No momento em que ele entende que “Estou na América”, aparece um jovem rastafari afobado para entrevistá-lo. Esse personagem trabalha em uma revista e quer aprender mais sobre a vida do escritor. A sua preocupação é perguntar-lhe se ele se considera como um escritor antilhano e como ele enxerga as palavras “Caribe” e “mestiçagem”.

Ao justificar a sua posição perante a crise racial e os preconceitos ligados à sua cor, Laferrière se recusa a se associar sistematicamente aos conceitos mestiçagem, antilhanidade, creolidade e francofonia que são frequentemente atribuídos aos escritores haitianos. Para ele, esses conceitos ideológicos desviam a função que o escritor deveria ter na literatura: servir como um espaço de diálogo para eles. Antilhano refere-se ao sistema colonialista e Caribe faz alusão à tribo que comia carne humana e assemelha-se com o caráter dos haitianos de hoje, ou seja, para Laferrière, o comportamento dos haitianos é antropófago, no sentido de que a maneira como alguns tratam seu próximo atualmente é uma prática de antropofagia (LAFERRIÈRE, 2005). Nesse sentido, para romper com o espaço identitário negro-caribenho, ele não precisa de uma cultura para se identificar, visto que qualquer espaço geográfico é sua casa. Vivendo na América, ele não é mais um imigrante nem um exilado.

Nessa conquista de uma nova identidade, longe das categorias raciais, Thibeault, no artigo “« *Je suis un individu* » : le projet d’individualité dans l’œuvre romanesque de Dany Laferrière” (2011), afirma que essa libertação do eu se produz no momento em que o narrador critica os clichês que se enraizaram na América. Para ele, os narradores-personagens de Laferrière tornam-se a sua única referência

do Novo Mundo, não somos africanos exilados na América. Não é aceitável, portanto, que sejamos escritores vestidos de prefixo.”

identitária. Essa identidade individual, que é considerada universal, é aberta ao mundo, e o eu constrói-se no tempo através de experiências íntimas e emoções que lhe dão sentido. Dessa forma, Thibeault (2011, p. 37) conclui dizendo que

Cette identité que le narrateur est en train d'affirmer n'est cependant pas seulement motivée par le désir du sujet de dire JE, mais s'impose au narrateur comme la seule option qui s'offre à lui pour refuser l'exil²¹.

Constata-se que, para Thibeault, o processo de individualização é o que leva Laferrière a romper com as categorias raciais. Para nós, no entanto, é no momento em que ele nega a identidade negro-caribenha, autodenomina-se e cria o espaço *sui generis* que as etiquetas se desfazem para impedir e evitar se vincular ao racismo.

Thibeault destaca um projeto individualista nas obras de Laferrière para se afastar do mundo racializado. No entanto, em *Je suis fatigué*, não há um projeto, simplesmente o autor-narrador abandona as diferenças impostas pelo outro e rejeita esse homem a prefixo. Distingue-se, assim, dos escritores negros e os supera. Parodiando o discurso de Fanon (2008), “Eu, um homem de cor”, ele se torna “*Un homme du Nouveau Monde*” (um homem do Novo Mundo), sem marca migratória e histórica, e conquista assim a sua consciência e a cidadania universal. Esse Novo Mundo não é América, nem Europa e nem África, é um espaço *sui generis* onde Laferrière, independentemente das ligações de identidade, rompe com as noções de pertencer a um grupo étnico-racial. A expressão *Nouveau Monde* para ele tem o significado de “refrigério”, “completude”, “frescor”, isto é, nos leva a considerá-la como um aspecto novo, único, recém-nascido. A nosso ver, é o lugar em que o narrador supera o racismo, o ser humano e escritor a prefixo:

[...] J'ai, depuis quelques années, pris l'habitude de croire que nous sommes en Amérique, je veux dire que nous faisons partie du continent américain. Ce qui me permet de résoudre quelques petits problèmes techniques d'identité. Car, en acceptant d'être du continent américain, je me sens partout chez moi dans cette partie du monde. Ce qui fait que, vivant en Amérique, mais hors d'Haïti, je ne me considère plus comme un immigré ni un exilé. Je suis devenu tout simplement un homme du Nouveau Monde. Ce terme traîne dans son sillage un tel vent de fraîcheur qu'il faudra bien penser à la réactiver. Le Nouveau Monde [...].²² (LAFERRIÈRE, 2005, p. 115).

²¹ “Esta identidade que o narrador está afirmando, no entanto, não é apenas motivada pelo desejo do sujeito de dizer EU, mas impõe-se ao narrador como a única opção que se oferece a ele para recusar o exílio.”

²² “Nos últimos anos, peguei o costume de acreditar que estamos na América, quero dizer que fazemos parte do continente americano. O que me permite resolver alguns pequenos problemas técnicos de

Como Aimé Césaire se apropriou da África, afastando-se do estereótipo e do sistema discriminatório, Laferrière se apropriou do Novo Mundo, deixando o espaço físico para penetrar no mundo abstrato e imaginário e criar uma nova identidade num espaço não negro. Essa identidade é uma estratégia do narrador para apagar em sua memória os termos de exílio político, de imigração, do eu no olhar do outro, das etiquetas raciais. Propomos chamar isso de metanegritude. Isso significa que ele se desentende totalmente do fato de ser negro e acaba com a discussão do que é ser negro. Explode o racismo, ou melhor, desconstrói a divisão dos seres humanos em raças e destrói definitivamente a “identidade negra”.

A expressão “*Un homme du Nouveau Monde*” torna Laferrière um simples ser humano, um cidadão universal. Nesse Novo Mundo, tudo é superado, o narrador não se sente mais estrangeiro. Ele rompe com todas as barreiras do antigo racismo e inaugura um novo tempo para si mesmo e para os outros, desnaturalizando as etiquetas raciais e territoriais. O racismo, portanto, desaparece e as hierarquias raciais são superadas.

O escritor torna-se, assim, um ser cosmopolita, que não é mais definido pelos dilemas, e consegue entender o ser humano fora das categorias raciais. Dessa forma, ele alcança finalmente um espaço além da negritude, mostrando que o fato de ser escritor negro nas Américas não determina uma mesma estética. Ele é único e universal.

ST VIL, C. R.; GONZÁLEZ, U. C. From Black Caribbean to A Man of the New World: The identity path of Dany Laferrière. *Itinerários*, Araraquara, n. 52, p. 33-48, jan./jun. 2021.

■ **ABSTRACT:** *This article intends to examine the identity process in *Je suis fatigué* (2005), a book written by Dany Laferrière, articulating from a geo-racial enclave (The Caribbean) to the achievement of an imaginary space that surpasses this categorization and that is intended not to be racialized, that is, a universal space with no color and no fixed geography. In this work, the first-person narrator reflects on the meaning of the word *Nègre* (Negro), which is polysemic in the French language. Mulatto and Negro represent the racial conflict in Haiti, whereas Black and White represent the two poles in continuous struggle outside the island (FANON, 2008). Thus, to achieve our goal, we conducted a bibliographic research to base our analysis on « *Je suis un individu* » : *le projet d’individualité dans l’œuvre romanesque de Dany Laferrière* (2011)*

identidade. Porque, ao aceitar ser do continente americano, sinto-me em casa em qualquer lugar nesta parte do mundo. O que faz com que, vivendo na América, mas fora do Haiti, já não me considere um imigrante nem um exilado. Tornei-me simplesmente um homem do Novo Mundo. Este termo traz em sua esteira um tal vento de frescor que será preciso pensar em reativá-lo. O Novo Mundo [...].”

by Jimmy Thibeault and *Littérature negro-africaine d'amérique : mythe ou réalité (1983)* by Anthony Phelps. We conclude that the author calls himself *Un homme du Nouveau Monde (A man of the New World)* without a migratory mark of origin, race, and nationality.

■ **KEYWORDS:** *Dany Laferrière. Je suis fatigué; Identity. Black and Mulatto. New World.*

REFERÊNCIAS

BENALIL, Mounia. La fictionnalisation de la négritude dans *Comment faire l'amour avec un Nègre sans se fatiguer* de Dany Laferrière : ses au-delàs et ses limites. **Studies in Canadian Literature / Études en littérature canadienne**, v. 32, n. 1, p. 192-211, 2007. Disponível em: <https://journals.lib.unb.ca/index.php/SCL/article/download/5819/6824>. Acesso em: 21 maio 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HOFFMANN, Leon-François. **Haïti: couleurs, croyances, créole**. Port-au-Prince: Les éditions du CDHCA & Les éditions Henri Deschamps, 1990.

JOSEPH, Handerson. Diásporas negras no contexto pós-colonial: dialogando com intelectuais haitianos. **Educere et Educare**, v. 10 n. 20, p. 537-548, 2015. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/12595/9009>. Acesso em: 25 maio 2020.

LAFERRIÈRE, Dany. **Comment faire l'amour avec un Nègre sans se fatiguer**. Montréal: Éditions TYPO, 2010.

LAFERRIÈRE, Dany. **Je suis fatigué**. Montréal: Éditions TYPO, 2005.

PHELPS, Anthony. *Littérature negro-africaine d'Amérique : mythe ou réalité*. **Ethiopiques**, v. I, n. 3 e 4, 3e e 4e sem. 1983. Disponível em: http://ethiopiques.refer.sn/spip.php?page=imprimer-article&id_article=919. Acesso em: 8 abr. 2020.

ROGERS, Dominique. De l'origine du préjugé de couleur en Haïti. **Outre-Mers**, [France], tome 90, n. 340-341, p. 83-101, 2003. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/outre_1631-0438_2003_num_90_340_4045. Acesso em: 21 maio 2020.

ST VIL, Christopher Rive; MACHADO, Maristela Gonçalves Sousa. A relevância do Vodou na obra *País sem chapéu*, de Dany Laferrière. **Caligrama: Revista de Estudos Românicos**, v. 25, n. 3, p. 201-218, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/17144/1125613843>. Acesso em: 8 jan. 2021.

TAGUIEFF, Pierre-André. **O Racismo**. Tradução de José Luís Godinho. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

THIBEAULT, Jimmy. « Je suis un individu » : le projet d'individualité dans l'œuvre romanesque de Dany Laferrière. **Voix et Images**, v. 36, n. 2, p. 25-40, 2011. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/vi/2011-v36-n2-vi1517380/1002440ar.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2020.

